



**Maria Gorete de A. Linhares e Wilma Peregrino de Moraes (UFPE)**

## **Diversidades de um discurso sobre o meio ambiente<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Este artigo é parte da dissertação de mestrado *Do ambiente ao meio: diversidades de um discurso*, que pesquisou as estratégias discursivas do jornalismo televisivo em torno da temática científico-ambiental, tendo como objeto de estudo o programa Globo Repórter, da TV Globo.

Neste trabalho discute-se a tematização dos MCM a partir do conceito de agenda-setting, as rotinas de produção, a construção da notícia televisiva e a produção do discurso jornalístico para TV. Baseado em pressupostos teóricos do jornalismo contemporâneo, discute a objetividade e a subjetividade da atividade jornalística enquanto intérprete e mediadora da realidade social.

**Palavras chaves: telejornalismo, jornalismo ambiental, linguagem televisiva**

---

### **Introdução**

Os temas relativos ao meio ambiente fazem parte do universo da ciência e só recentemente passaram a ser tratados sob uma ótica diferente que os coloca numa inter-relação com a vida social. A preocupação em redimensionar o contexto científico que envolve o meio ambiente e a natureza para além da ciência fica evidente na *Agenda 21*<sup>1</sup>, quando argumenta que

*ainda há muito pouca consciência da inter-relação existente entre todas as atividades humanas e o meio ambiente devido à insuficiência ou inexatidão da informação [...]. É necessário sensibilizar o público sobre os problemas de meio ambiente e desenvolvimento, fazê-lo participar de suas soluções e fomentar o senso de responsabilidade pessoal em relação ao meio ambiente [...]. (cap. 36)<sup>2</sup>*

Nesse aspecto, o jornalismo se insere como uma das áreas potencialmente capazes de trabalhar a informação sobre meio ambiente e natureza, na perspectiva de ampliar o horizonte da opinião pública acerca do tema.

---

<sup>1</sup> Agenda 21: principal documento da Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, que aconteceu no Rio de Janeiro em 1992 e que ficou conhecida como Rio-92 ou Eco-92.

<sup>2</sup> Capítulo que trata da promoção do ensino, da conscientização e do treinamento.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



Entre outros fatores, a abertura desse temário nos meios de comunicação de massa resulta de uma preocupação crescente da sociedade civil organizada, que através da criação de grupos de defesa da natureza fortaleceu o ascendente movimento ambientalista<sup>3</sup>, culminando com a Eco-92<sup>4</sup>, o acontecimento mais importante na área nos últimos dez anos.

A década de 80 foi marcada pela unificação do processo de globalização, um período que Sérgio Boeira (2000) define como “*momento de confluência entre os vários aspectos da globalização: militar, econômico, ambiental e cultural (mídia)*”. Especialmente entre os anos 80 e os 90, o movimento ganhou notoriedade, fato que se verifica a partir de uma supervalorização da mídia em eventos como a celebração americana do Dia da Terra, em 1990.

Fatos que constituem a história de um fenômeno social contemporâneo, como o movimento ambientalista, são relevantes na configuração do estudo, na medida em que colaboram para esclarecer o fenômeno estudado - o discurso dos MCM sobre meio ambiente. Esses dados são oportunos porque explicam, em parte, o jogo de interesses que concorrem para um fato ser transformado em notícia.

*el contenido de los medios no sólo depende de los intereses del público y de los propios medios: es también el resultado de los intereses de distintos sectores de la sociedad, que pretenden dar a conocer al público determinados hechos y opiniones a través de los medios de comunicación.* (FONTCUBERTA, 1993:54)

Entre os diversos aspectos de um acontecimento estabelece-se um processo de negociação influenciado, entre outros fatores que fazem parte da rotina de produção jornalística, pelas condições de produção ou pela dinâmica cotidiana dos fatos que concorrem entre si. Esse conjunto de fatores que interferem na definição de um temário para os meios de comunicação tem configurações diversas em cada sociedade. De acordo com Fontcuberta (1993), cada sociedade tem concepções diferentes de um acontecimento e os meios refletem o conceito dominante de notícia.

---

<sup>3</sup> A expressão *movimento ambientalista* é utilizada neste estudo para designar o conjunto dos grupos organizados, representativos da sociedade civil que atuam na área de defesa do meio ambiente e da natureza.

<sup>4</sup> A Conferência da ONU para o meio ambiente e desenvolvimento, realizada em 1992 na cidade do Rio de Janeiro - RJ/Brasil ficou conhecida como Eco -92 ou Rio-92

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O acesso à informação é condição primordial para uma sociedade se manter atualizada acerca dos acontecimentos que interferem na dinâmica social. No entanto, o volume de informações é maior do que aquele que se apresenta nos meios, sendo necessário agrupar, organizar e definir o que será divulgado. “*O mundo da vida cotidiana, fonte das notícias, é constituído por uma ‘superabundância de acontecimentos’*” (GAY TUCHMAN *apud* PEREIRA JR., 2000:79).

A seleção se dá a partir de alguns critérios, determinados pela empresa de comunicação em sintonia com o conjunto de interesses do público, além de outras interferências, que concorrem entre si para definir o “temário dos meios” - o conjunto de conteúdos informativos e noticiosos existentes em um meio (FONTCUBERTA, 1993).

Essa é uma questão fundamental nos estudos contemporâneos da comunicação, preocupados em entender, por um lado, os efeitos dos meios e, por outro, a forma como constroem uma realidade e a relação que há entre eles.

A forma como a temática ambiental se apresenta através dos meios é, pois, o foco principal das inquietações que justificam o estudo. No entanto, para verificar ‘como’ e ‘porque’ uma notícia se apresenta de ‘uma’ forma e não de ‘outra’, é preciso, antes, levar em conta os elementos condicionantes da atividade jornalística.

O jornalismo, enquanto produção de informação, dissemina conceitos, visões e propõe caminhos de interpretação da realidade, ancorados numa linguagem compatível com o meio para o qual se destina. No entanto, está sujeito às condições disponíveis - desde as materiais ou de infra-estrutura, passando pelas econômicas, até as de ordem ideológica, e as impostas pelas rotinas de produção.

O despertar da mídia impôs aos jornalistas um tema pouco explorado no dia-a-dia das redações. O jornalismo sobre meio ambiente é relativamente recente, ao menos pensando nele como um segmento específico da atividade (MORAIS, 1999). Há cerca de quarenta anos, a preocupação com o esgotamento dos recursos naturais e o bem estar do planeta não eram temas frequentes nos MCM nem, tão pouco “rendiam” matérias com abordagens aprofundadas. A cobertura sobre o meio ambiente poderia tratar o tema



como algo exótico ou até mesmo ‘romântico’. No entanto, atualmente essa é uma atividade que cresce mundialmente nas redações dos grandes veículos de comunicação.

Falar sobre meio ambiente implica tratar de assuntos que têm relação direta com a qualidade de vida. Além de lidar com assuntos complexos, o jornalista que faz a cobertura sobre meio ambiente se encontra permanentemente envolvido com dados novos e pouco precisos. *“As reportagens sobre o meio ambiente são imprecisas, porque a ciência do meio ambiente é imprecisa - nas suas fontes, nos seus dados, na metodologia científica e nas soluções. E são carregadas de emoção, por causa do efeito que exercem sobre as pessoas”* (BRENNAN *apud* NELSON, 1994:8).

O caráter especial dessa atividade está, entre outras coisas, na responsabilidade e no grau de conhecimento do jornalista sobre o assunto que está tratando e “simplificando” para garantir ao público de massa a compreensão do tema.

Importa destacar que o jornalista, enquanto o sujeito que lida com temas dessas ou de outras esferas, sofre as interferências da empresa para qual trabalha e também interfere na produção da notícia. Na condição de mediador dos fatos, influencia e é influenciado por idéias que constituem o composto ideológico do qual é parte. Preocupado em bem relatar os fatos, o jornalista, numa fase do trabalho, pesquisa, consulta, interpreta e reconstrói informações e, noutra, ao transmitir tais informações pode se assemelhar ao contador de histórias.

Toma-se a perspectiva de Morais (1997), quando trata o jornalismo como uma arte de contar histórias:

*...el hecho de contar una historia tiene que ver con la capacidad de sintetizar momentos distintos de una determinada situación vivida o realizada en la mente de un narrador y tiene que ver, también, con la forma que uno tiene de poner orden a las ideas y, teniéndolas organizadas, saber difundirlas con una cierta dosis de claridad[...] tanto el individuo contador de historias como el diario mediador de acontecimientos tienen, ambos, una cierta osadía de crear situaciones nuevas a partir de un hecho o de algo que ha pasado. Y, en ese acto o en el mundo imaginario de los cuentos, el habla de un narrador funciona, para sus oyentes, tal como funciona el habla de un diario para sus lectores... (MORAIS, 1997:61-63).*



Um estudo preocupado com a linguagem utilizada na construção de informações nos meios de comunicação, especificamente no meio televisivo, leva o jornalista a refletir sobre como se dá a produção da informação ambiental nos MCM e de que forma(s) pode interferir nessa produção.

### **O que motivou o estudo**

Um acontecimento assume variadas formas e é focado sob diversos ângulos a partir do momento que é transformado em *notícia*. Os meios de comunicação procuram, cada vez mais, encontrar formas atrativas de relatar/ “contar” um fato/ uma história.

A perspectiva do jornalista como um “contador de história”, abordada no estudo, procurou perceber no texto jornalístico aqueles elementos que podem, sob determinados aspectos, aproximar o jornalista do escritor. Partimos do entendimento - embora simplificado - de que ‘contar uma história’ é reproduzir um acontecimento para alguém. E isso é uma forma de construir uma narração sobre algo, seja ela realizada por uma pessoa (o contador de histórias), um jornal, um livro ou através de algumas das formas jornalísticas utilizadas pelos MCM (MORAIS, 1997).

Nos preceitos jornalísticos há um limite, que funciona como lei e, de certa forma, cerca o jornalista de responsabilidades ao comprometê-lo com a objetividade em nome da “verdade” dos fatos. Entretanto, isso não é suficiente para inibir a capacidade criativa que uma pessoa (jornalista ou não) tem ao interpretar e reconstruir fatos. Ser criativo também é um requisito importante na luta pela audiência. Assim, o jornalista é um escritor que luta permanentemente para equilibrar os fatos, em termos objetivos, com a criatividade ao contá-los.

Por diversas razões, seja para conquistar pontos na audiência e ganhar mais leitores, gerar credibilidade à informação ou para encontrar uma forma criativa e atraente de narrar um fato relacionado com o meio ambiente, o jornalismo elabora notícias envolvidas, por vezes, em auras de mistério, sensacionalismo e excepcionalidade. Ao tratar o assunto como algo ‘fantástico’ e ‘sobrenatural’, suscita a fantasia e se distancia da realidade, embora os dados com os quais trabalha continuem sendo reais.



De acordo com a Teoria do Presente Jornalístico, a função dos meios de comunicação de massa é construir uma realidade que possa ser mostrada como um presente contínuo. Este presente deve manter-se “*bastante nuevo para que nos impresione y bastante viejo para que podamos conocerlo y comentarlo, que es una manera de asimilarlo y dominarlo*” (GOMIS, 1991:191). Gomis afirma que para o público se conectar com uma realidade e, de algum modo, envolver-se com ela, os meios se valem de uma série de artifícios e formas (gêneros jornalísticos) para transmitir uma informação.

Neste estudo, optou-se por trabalhar com a televisão por ser o veículo que apresenta maior diversidade de formatos e abordagens. Essa peculiaridade do meio permitiu um maior universo para escolha. Através de um processo de observação e gravações, a opção recaiu sobre o programa da Rede Globo, intitulado Globo Repórter.

Tomado aqui enquanto uma grande reportagem, o Globo Repórter é um programa cujo formato permite uma abordagem mais aprofundada dos temas pautados. Gomis (1991) considera que à atividade jornalística cabe a tarefa de dar ao público uma versão concentrada da realidade social presente, de forma dramatizada e sugestiva. No Globo Repórter, é freqüente o uso de estratégias que aproximam a atividade do jornalista da atividade do escritor, o que pode explicar, em parte, o caráter dramático da notícia ou em sua forma mais ampliada, da reportagem.

Partindo da compreensão da notícia tal como a descreve Miguel Rodrigo Alsina (1989:185), “*uma representação social da realidade cotidiana produzida institucionalmente*”, este estudo procurou entender até que ponto as estratégias discursivas utilizadas pelo Globo Repórter podem interferir na interpretação de fatos relevantes sobre meio ambiente e natureza.

Para responder a questão posta, investigou-se as características do discurso jornalístico sobre meio ambiente no programa Globo Repórter, identificando como se dá e estudando as suas estratégias discursivas.

Supomos que o Globo Repórter sobre meio ambiente amplia e redimensiona fatos tematizados no jornalismo televisivo cotidiano. Para verificar se isso ocorre, foi utilizado o conceito de agenda-setting e, como suporte de orientação, nos reportamos ao



documento da Rio-92, a Agenda 21. O conceito de agenda-setting afirma que os meios de comunicação constroem um temário a partir do que consideram que deva ser noticiado, gerando circulação da informação, acumulação e redimensionamento de fatos noticiados, realimentando o próprio meio e estimulando a opinião pública. Isso tem a ver também com a idéia de presentificação do jornalismo desenvolvida por Gomis (1991), citada na página anterior.

Outro ponto levantado como hipótese entende que a construção de cenários de abertura para o programa Globo Repórter e a forma de exploração dos cenários naturais exibidos podem indicar uma supervalorização da imagem e resultar em pouco aprofundamento do tema. A idéia que sustenta essa hipótese reafirma o caráter de intérprete da realidade, inerente à atividade jornalística, e condiciona esse fazer jornalístico às possibilidades de manipulação dos dados reais. Possibilidades permitidas, em parte pela linguagem televisiva e, em parte pelos recursos tecnológicos agregados ao veículo TV. Tem a ver também com o gênero e o formato televisivo sob os quais o Globo Repórter está moldado.

Outra observação diz respeito ao fato do Globo Repórter imprimir à temática ambiental um caráter de fantástico e sobrenatural e trabalhar com conceitos que fogem aos dados objetivos da realidade. Decorre que, ao privilegiar a subjetividade, desenvolve um tipo de jornalismo que encontra no espetáculo a definição mais apropriada para o que apresenta.

Se a notícia ou a reportagem que tem lugar no jornalismo cotidiano e factual não reproduz um fato tal qual ocorreu, a elaboração de uma nova representação se distancia ainda mais da realidade objetiva, posto que ao explorar com mais “liberdade” e até mais “criatividade” os elementos característicos da linguagem televisiva, acaba por construir uma outra realidade. Explica-se: essa representação se configura espetacular, um simulacro da realidade<sup>5</sup>. Realçado pelo viés do fantástico e sobrenatural, o meio ambiente passa a ser uma realidade intangível ao telespectador.

### **Contextualização do *corpus***

---

<sup>5</sup> Equipara-se a representação televisiva a um simulacro da realidade entendendo que aproxima-se da idéia de Jean Baudrillard sobre espetáculo, fascinação e simulacro. O filósofo francês lembra da célebre frase de McLuhan - “o meio é a mensagem” - ao dizer que o meio se apresenta como espetáculo e fascinação. O autor explica que ao neutralizar a mensagem em benefício do meio, a fascinação neutraliza a verdade em benefício do simulacro.

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



O documento da Rio 92 considera a comunicação como um agente fundamental de formação social. Procurando perceber essa preocupação a partir dos MCM, vimos, inicialmente, que os temas ambientais são fortemente evidenciados nos telejornais e jornais diários, principalmente, quando motivados pela ocorrência de acidentes ou catástrofes que representam ameaça à vida humana e risco de destruição do meio ambiente em larga escala. A temática ambiental também é incluída na pauta jornalística mais específica, seja em editorias especiais (impressos) ou programas semanais (TV e rádio). Além dos espaços jornalísticos, no caso da televisão e do rádio, programas (de veiculação nacional) com perfil educativo foram identificados, tais como: *Planeta Terra, Repórter Eco, Globo Ecologia e Gaúcha Ecologia*.

Embora os formatos impressos e radiofônicos despertem grande interesse para análise, optou-se pela televisão pelo fato deste veículo ter como forte característica uma linguagem mista e ainda por possuir uma grande diversidade de abordagens e formatos em torno do tema.

Por sua linguagem mista - som, imagem e palavra -, a televisão, enquanto espaço de mediação de discursos, ordena a configuração destes, interferindo no interior deles e nos sentidos que podem construir. O produto televisivo (seja um telejornal ou uma telenovela) forma um conjunto de elementos verbais e não-verbais que interagem para a produção de sentido. Cercada de um arsenal de recursos sonoros e visuais graças ao enorme avanço tecnológico empreendido pelo ser humano, a televisão continua sendo a vedete dentre os meios de comunicação de massa. E, como tal, lança mão de tudo o que lhe possibilita a linguagem do meio para tornar atraente ao telespectador todo e qualquer assunto que trate. Assim é nas telenovelas como nos telejornais.

No caso particular deste estudo, a atenção se voltou para o que caracteriza a linguagem televisiva e, especialmente, para os elementos e a forma utilizados na construção da reportagem representada pelo programa Globo Repórter.



No Globo Repórter, como em outros programas do gênero<sup>6</sup>, um tema é explorado a partir de uma pesquisa prévia, que pode se manifestar necessária de acordo com o que está na pauta dos meios de comunicação. Em geral, aquilo que movimenta a opinião pública. Ou seja, a pauta de programas jornalísticos como o Globo Repórter, que não se vincula necessariamente ao telejornal diário e factual, procura manter presentes temas atuais. Tais temas são apenas tocados pelos jornais diários, sem aprofundamento e na urgência da notícia imediata.

O(s) formato(s) jornalístico(s) reúne(m) os aspectos mais interessantes aos objetivos da pesquisa porque evidenciam fortemente a destruição do meio ambiente e da natureza, seja porque noticiam acidentes causados por erros ou falhas nas tecnologias desenvolvidas pelos diversos setores produtivos da sociedade industrial, seja por falta de conhecimento do público acerca da diversidade ambiental e da necessidade de preservação.

Os fatos podem ser noticiados com maior ou menor profundidade e isso pode resultar em formatos variados, que vão desde a notícia, sua forma mais simplificada, a reportagem, até a grande-reportagem - uma forma mais ampliada da reportagem marcada pela presença do(s) repórter(es). O jornalismo de televisão expõe personagens e cenas, gerando um efeito de realidade.

Embora se diga que “uma imagem vale por mil palavras” ou “a imagem diz mais do que as palavras”, o discurso televisivo é montado em cima da palavra oral, mesmo que a imagem, por si, transmita informação. Maria Thereza Fraga Rocco (1991) ressalta que o verbal, na TV, se impõe como metalinguagem de todas as linguagens. Citando Alfredo Bosi, a autora diz que “*A realidade da imagem está no ícone, mas a verdade da imagem está no símbolo verbal*”. (ROCCO, 1991:240). A imagem “conta uma história”, mas a palavra ratifica esse “contar”.

Concordamos com a abordagem de que cada meio adequa o fato às suas peculiaridades lingüísticas, mas, em geral, o processo de produção segue as orientações básicas que norteiam a atividade jornalística em qualquer dos meios de massa. O

---

<sup>6</sup> Da forma como se estrutura, o Globo Repórter, em geral, pode representar um tipo de reportagem que pode ser nomeada como “grande reportagem”, que implica reconhecer a forma de abordagem do tema e o tempo de produção e de veiculação.

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



assunto tratado nem sempre interfere na produção da notícia, no entanto, algumas áreas do conhecimento merecem atenção especial. Alguns temas exigem da produção jornalística tratamento especializado como é o caso do objeto deste estudo.

No recorte temporal do *corpus*, optou-se pelo ano de 2000 por ser historicamente relevante para o país. O Brasil é fortemente tematizado, nesse momento, porque atinge a expressiva idade de 500 anos, contada a partir do seu descobrimento pelos portugueses. Tais aspectos transformam o país numa espécie de “vedete” do jornalismo sobre meio ambiente e natureza, ainda mais realçado por ter sido a sede da maior reunião do século sobre o tema em 1992 (a Rio-92).

As edições sobre meio ambiente do Globo Repórter foram coletadas entre o segundo semestre de 2000 e o início de 2001. Esse momento foi promissor para o tema, uma vez que com o final do milênio, a própria mídia, em especial a televisiva, procurou despertar na sociedade o sentimento de preservação ambiental, caracterizando e contextualizando aquele período como um momento de reflexão acerca da ação do homem sobre a natureza.

O Globo Repórter que, em geral, exhibe programas sobre meio ambiente numa periodicidade mensal não muito rigorosa, nesse período referido, abordou a temática com frequência e em edições bastante próximas. O meio ambiente foi tematizado quatro vezes no intervalo de um mês, nos programas exibidos entre dezembro de 2000 e janeiro de 2001 (22.12.00 e 05, 12 e 26.01.01).

Os grandes problemas ambientais identificados a partir da Agenda 21 se desdobram em fatos relevantes na pauta do Globo Repórter. Tais fatos dizem respeito à sobrevivência do planeta, ao perigo de extinção de espécies animais e vegetais para o homem ou que pressupõem uma interferência direta na vida humana.

Tomando por base essa orientação, o *corpus* foi definido, inicialmente, em um universo de quinze programas gravados, sendo condicionada a escolha a partir da observação do grande temário sobre meio ambiente presente nos meios de comunicação de massa, sua significação jornalística na forma de abordagem e a presença desses temas na realidade brasileira, e não apenas nos meios. A seguir, pode-se verificar os programas que efetivamente compõem o *corpus* e uma sinopse geral de cada um.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

**Serra do Roncador** - leste do Mato Grosso. Mistérios, aventura. A noite do Roncador. Grutas e cavernas. A estatueta dourada. Expedição Cel. Fawcett (mistério que gerou lendas). Formações rochosas. O garimpo. O Rio das Mortes. Índios Xavantes. Lagoa encantada. Pq. da Serra Azul - piscinas naturais. Misticismo. Grupo de pesquisas ufológicas. Cindacta (controle militar do espaço aéreo). Sociedade secreta (Soc. Bras. de Eubiose). O serrado. Animais. Pecuária no Brasil Central e a devastação. Ecoturismo no Roncador, uma saída? ( 30.06.00; Apr:Sérgio Chapelin; Rep: Luís Carlos Azenha ; Prod: TV Globo);

**As onças do Serrado brasileiro** - Pq. Nacional das Emas. Bichos ameaçados de extinção. Viagem pelas matas do coração do país. Chapadão do Céu - sudoeste de Goiás. Proteção de espécies raras (antas, veados, tamanduás, lobo-guará, onça pintada) O repórter acompanha os biólogos que pesquisam a onça pintada, o tamanduá-bandeira. A ameaça de represas e hidroelétricas. O lobo-guará, espécie rara e em extinção.O fenômeno da bioluminescência - a larva do vagalume. Insetos. Áreas agrícolas. Queixadas - os porcos do mato. As emas. O servo do Pantanal e o veado campeiro. A chapada dos Viadeiros (“ mistérios do Brasil Central”), o rio São Miguel (canonismo com o repórter). Área proibida da reserva ecológica. Plantas medicinais e o garimpo. (11.08.00; Apr: Alexandre Garcia; Rep: José Raimundo; Prod: TV Globo);

**Bichos e bruxos da Floresta Amazônica/Os xamãs do Equador** - Guerreiros chuars. Aldeia Glalinga, a terra dos Xamãs. A medicina da selva, os curandeiros da Amazônia. Sessões de curandeirismo com os xamãs nativos e médico que se transformou em xamã. A cura pelo fogo. Equador, a Cordilheira dos Andes, vulcões, parque nacional santuário de baleias do Pacífico. Leste do Equador, a vida sob ameaça, centro de pesquisa e proteção da fauna amazônica (cuida de espécies ameaçadas de extinção). Petróleo da floresta, protesto dos índios contra companhia petroleira americana. Povos que defendem a selva ajudando a desenvolver o ecoturismo. (Quito) Vulcões, monitoramento, visita à cratera de um vulcão, que virou lagoa, crença do povo do lugar. O chapéu panamá, artesanato que enriquece os atravessadores e deixa os artesãos na mesma pobreza. (06.10.00; Apr:Sérgio Chapelin; Rep: Vinícius Dônola; Prod: TV Globo);



**O Araguaia** - vida selvagem nas águas e matas do coração do Brasil. Às margens do Araguaia, batalhas de vida e morte. Tartarugas da Amazônia, caça das onças, pirarucus agonizam em lagos secos, jacarés atacam homens. Aves aquáticas. Peixes, a desova. A captura do pirarucu, ameaçado de extinção. Ibama: operação para salvar os pirarucus. O nível das águas dos rios que determinam os ciclos da vida. Visitas de várias espécies de aves na vazante do Araguaia. A onça parda-sussuarana, o maior predador das florestas brasileiras. O ataque das onças às tartarugas. Tartarugas: observação e desova em praias desertas. (03.11.00; Apr: Sérgio Chapelin; Rep: Ciro Porto; Prod conjunta com a EP TV, afiliada da Globo);

**Especial... Pantanal de Mato Grosso** - Por que o mundo inteiro está olhando para ele? A arca de noé brasileira, patrimônio natural da humanidade. A mais fascinante vida selvagem das Américas. A grande reserva da biosfera em todos os seus momentos. (22.12.00; Apr.: Sérgio Chapelin; Rep.: Francisco José; Prod.: TV Globo);

**Mamirauá** - Santuário da vida selvagem. No coração do Amazonas, rios e a maior área de floresta tropical protegida do mundo. O Boto: encontro dos cientistas com o bicho sobrenatural. O Jacaré-açu, o peixe boi, o acari branco. (05.01.01; Apr.: Sérgio Chapelin; Rep.: Luiz Carlos Azenha; Prod.: TV Globo)

A este *corpus* foi acrescido, ainda, o programa **Água-produto raro**, veiculado no Globo Repórter de 14.01.2000, portanto, fora do período estabelecido no corte desse *corpus*. No entanto, sua inclusão se faz pertinente ao estudo visto que se trata de tema permanente, marcadamente presente no telejornalismo diário no momento mesmo que se definem os parâmetros da pesquisa.

### **Perspectiva teórico-metodológica**

Todo o processo de produção da notícia é, passo a passo, resultado de escolhas. E perceber como isso acontece é bastante rico ao estudo. Alfredo Vizeu Pereira Jr (2000), citando Fontcuberta, afirma que *“a notícia é uma forma de ver, perceber e conceber a realidade. É um autêntico sintoma social e a análise de sua produção lança muitas pistas sobre o mundo que nos cerca”*(p.62).



A tematização dos meios é mais do que a divulgação de fatos de uma mesma natureza temática. Coloca um tema na ordem do dia e transporta para a agenda do público. Wolf (1987) destaca que diversos fatores colaboram para tornar um tema importante à opinião pública e ressalta

*no processo de tematização há uma outra dimensão que [...] não está apenas ligada à quantidade de informações e ao tipo de conhecimento que provocam a tematização de um acontecimento: é o caráter público do tema, a sua relevância social. Nem todos os temas ou acontecimentos são susceptíveis de tematização; são-no apenas os que revelam uma importância político-social. (WOLF, 1987:147).*

A hipótese da agenda-setting e os processos de acumulação, consonância e onipresença de que trata Wolf (1987) em seus estudos respondem algumas das questões que cercam esta discussão e também podem explicar os efeitos a longo prazo provocados pelos meios a partir da sua tematização.

Na fundamentação, o pressuposto principal da pesquisa parte dos estudos do jornalismo, em especial, a Teoria do Presente Jornalístico, desenvolvida por Lorenço Gomis (1991). No mesmo nível de importância e associado ao princípio teórico de Gomis, somam-se os estudos de Miguel Rodrigo Alsina (1989), mais especificamente sobre a construção da notícia. Embora não sejam os únicos, tais estudos são um referencial teórico contemporâneo na área e indicam, em seus métodos, formas análogas e/ou complementares de análise do processo de produção jornalística.

Segundo Gomis (1991), a Teoria do Jornalismo trata da forma como se mostra o presente nos meios de comunicação de massa, como este presente influi na constituição de uma realidade social e de que maneira vai provocar novos acontecimentos que por sua vez, serão reconhecidos pelos meios.

Interessa destacar, no estudo, os seguintes conceitos:

a) o conceito de jornalismo como intérprete da realidade social formulado por Gomis (1991:12), que postula que o jornalismo pode ser considerado “*um método de interpretação sucessiva da realidade social*”.



b) o conceito de presente contínuo vincula-se à idéia do jornalismo como intérprete da realidade e dá conta de explicar, principalmente, porque os meios cumprem a função de envolver a sociedade em um presente social contínuo. Gomis assinala que uma sociedade não pode viver sem um presente que lhe sirva de referência e explica que a função dos meios é *“rodearnos de un presente social continuo, bastante nuevo para que nos impresione y bastante viejo para que podamos conocerlo y comentarlo, que es una manera de asimilarlo e dominarlo”* (1991:41-42)..

c) o esquema conceitual de construção da notícia, desenvolvido por Rodrigo Alsina (1989) será aplicado ao *corpus* para revelar e confirmar presença marcante de subjetividade na construção da notícia sobre meio ambiente. Rodrigo Alsina situa o jornalista não apenas como um mediador dos acontecimentos, mas também como um “criador” de um “mundo possível”. O autor explica que, na tarefa de construir a notícia *“intervienen tres mundos distintos e interrelacionados, que son: el mundo real, el mundo de referencia e el mundo posible”* (1989:188). Para que fique claro: o ‘mundo real’ é a instância onde ocorre o fato, a fonte; o ‘mundo de referência’ é onde vai se moldar o acontecimento do ‘mundo real’, o modelo no qual o jornalista vai se basear para construir um ‘mundo possível’.

*en el mundo ‘real’ es donde se puede producir la verificación del mundo posible narrado. Verificación por la que el hipotético mundo posible construido es confrontado con los nuevos datos que se vayan aportando sobre el acontecimiento. Evidentemente, esta verificación va a permitir confirmar, invalidar o corregir la elección del mundo de referencia. (RODRIGO ALSINA, 1989:189)*

Também contribuem com a análise os estudos da pesquisadora Mar de Fontcuberta (1993) sobre a notícia, as formas de construir e perceber a notícia, e como os meios contam o que contam, no que se refere ao desenvolvimento dos gêneros jornalísticos.

Para caracterizar o tema recorrente no *corpus*, os estudos de Mauro Wolf (1987) sobre agenda-setting integram o referencial teórico para responder questões acerca do que concorre na construção da pauta sobre meio ambiente nos MCM, usando como fonte principal o documento da Rio-92 - a Agenda 21, que por si configura um temário



que pode ser um suporte na seleção das notícias e na tematização geral na área de meio ambiente. Foi de grande importância para a pesquisa a compreensão acerca das rotinas de produção do telejornalismo. Para tanto, somam-se os estudos de Pereira Jr (2000), Morais (1997) e Rodrigo Alsina (1989). A propósito do caráter científico da temática ambiental, consultamos autores que se dedicam ao assunto, tais como Burkett (1990), Morais (1997 e 1999), Gomes (1995 e 2000) e outros.

Adotamos, ainda, o entendimento de Gomis (1994) sobre a retórica, mais especificamente uma retórica aplicada ao jornalismo, que por esse prisma vai confirmar a premissa básica da Teoria do Jornalismo sobre a formação de um presente contínuo. Assumindo como Gomis(1994:60) que a retórica é a “*arte do discurso persuasivo*” e que persuadir é a “*arte de induzir a acreditar ou a fazer algo*”, assume-se também que a notícia tem uma retórica própria, “*que consiste em tornar semelhante o que é verídico*” (GOMIS, 1994:60) e que a retórica dos meios de comunicação trata de persuadir as pessoas de que coisas acontecem. Classificando o *corpus* a partir das categorias de retórica desenvolvidas por Gomis (1994), procuramos mostras que os meios tentam comover as pessoas e fazê-las comentar, mantendo por isso um presente contínuo.

Trabalhamos basicamente com a retórica da participação, que procura confirmar a imparcialidade jornalística, onde se diz a verdade sem tomar partido. A partir da pluralidade de vozes apresentada (cientistas, governo, sociedade civil), o repórter se insere na ação, no fato mediado. Neste sentido, vemos o repórter como ordenador e articulador das vozes e uma das autoridades institucionais responsáveis pelo processo argumentativo do discurso. A outra é papel desempenhado pelo apresentador. Enquanto voz da emissora, o apresentador representa um tipo de “mestre de cerimônias” que faz o chamamento ao público, lançando mão de estratégias que despertam atenção, alarmam ou geram suspense e curiosidade.

Através dessas duas representações de autoridades no discurso do Globo Repórter, identificamos outras das categorias de retórica que Gomis (1994) desenvolve e que se adequam ao estudo. Destacamos: a Retórica da certeza, que quer persuadir de que diz a verdade sobre o meio ambiente e a natureza. Isso se vê a partir da utilização



dos discursos de cientistas (depoimentos, dados científicos e técnicos, pesquisas e similares), e representação da legalidade (leis e regulamentos) e do governo (dados de instituições governamentais e depoimentos); a Retórica da personalização, que procura causar efeito de credibilidade e conduz com segurança a audiência, reforçando também o efeito de verdade. E isso se dá através do nível de inserção do repórter na ação, no fato mediado, bem como na participação pontuada e estratégica do apresentador; a Retórica do alarme, que desperta a atenção para os perigos da destruição ambiental e para os mistérios que envolvem a natureza. Tal retórica se configura na abordagem, na divulgação de catástrofes da natureza, na denúncia da ação depredadora do homem e na ameaça de extinção; a Retórica do presente, que procura garantir o comentário e dar efeito contínuo (acumulação e onipresença). Percebida através do temário do Globo Repórter sobre meio ambiente e natureza como reflexo/desdobramento de assuntos tematizados na Agenda 21 e nos telejornais diários. Reflexo de um temário mundial, reforçando a hipótese da agenda-setting.

Assumindo que o jornalismo trabalha com dados reais e no seu processo se utiliza de critérios e elementos subjetivos, trabalhamos com quadro auxiliar na organização dos elementos do *corpus*. Consideramos “índice de subjetividade” aqueles cuja percepção denunciam que não são inerentes ao fato em si. Deste quadro constam algumas categorias com as quais se trabalhou como: seleção e ordenamento dos dados; seleção e ordenamento de depoimentos e entrevistas; adjetivações e juízos de valor agregados pelo texto do jornalista; recursos gráficos e sonoros; e construção de cenários visuais e verbais. O quadro principal, que orientou todo o processo de transcrição das fitas gravadas, segue o modelo básico de um roteiro para TV.

É preciso esclarecer que os elementos que compõem a linguagem televisiva presentes no *corpus* deste estudo foram observados em seu conjunto e na relação que se estabelece entre eles. No entanto, foi priorizado como objeto principal da análise o discurso verbal.

### **Algumas considerações**

Este artigo aponta para algumas conclusões alcançadas a partir das análises realizadas, elencadas a seguir:

1 Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.



- O Globo Repórter amplia e redimensiona fatos noticiados. Os desdobramentos e as formas de abordagem seguem princípios particulares do ponto de vista da reportagem, mas generalizantes no que toca ao meio e à temática explorada. Tematiza o meio ambiente por critérios comuns a qualquer assunto do que propriamente pela preocupação que norteou o programa da Rio-92.
- Uma tendência alarmista é mantida no redimensionamento que o Globo Repórter proporciona.
- A relação das questões ambientais, sob a ótica da ação do governo ou de políticas públicas são pouco relevantes na cobertura do Globo Repórter.
- Procedimentos científicos e pesquisas na área são atrativos, curiosos e despertam o telespectador. Reforçam a retórica alarmista em torno de situações de risco, de perigo iminente de catástrofes.
- Cenários construídos e a exploração dos cenários naturais supervalorizam a imagem sem aprofundar aspectos, que poderiam ampliar o conhecimento em torno de questões ambientais sobre as quais o público deve construir opinião.
- À temática ambiental, no Globo Repórter, não é dado tratamento especializado. Não se define como jornalismo científico.
- O Globo Repórter produz subjetividade na mediação dos fatos que redimensiona para estabelecer uma relação com o público e assim se tornar eficiente no seu papel de informar e/ou entreter.
- A imaginação é materializada através dos recursos tecnológicos associados às intenções do programa. A forma de tratamento da temática colabora para dar ao programa jornalístico esse caráter de entretenimento. Robert White (1995) argumenta que o discurso televisivo se inspira numa tradição popular de contar histórias. Por isso, a TV, como de resto as novas tecnologias de comunicação, adotam esse formato, não só divertido, mas também comum a todos e aceitável. *“A TV atua como se fosse uma conversação (...) em que as últimas notícias, dramas, esportes e modas são nada mais do que o último episódio de uma história cultural contínua”* (WHITE, 1995: 66).



- Do “mundo real” restam alguns elementos fundamentais para que mantenha o caráter jornalístico; mergulha no “mundo de referências”; constrói uma reportagem subjetiva e reelabora o mundo natural - um “mundo possível”, mas apenas na mediação televisual e no comentário que alimenta.
- O exagero de elementos subjetivos pode facilitar a interpretação de dados muitas vezes complexos e desconhecidos ao público comum, mas pode gerar confusão interpretativa no telespectador.
- Fatos de importância vital para o desenvolvimento de uma educação ambiental caem no senso comum das abordagens dos MCM, quando buscam o espetáculo para suas produções, colocando Ciência e entretenimento num mundo “impossível”.

### **Bibliografia**

AGENDA 21. (1992). *Programa de ação para o desenvolvimento sustentável mundial* [Conferência Mundial para o Meio Ambiente - Rio 92] in URL: <http://www.mma.gov.br/>

BAUDRILLARD, Jean. (1994) *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. Tradução: Suely Bastos. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense.

BOEIRA, Sérgio.(2000) *Ambientalismo I: aspectos preliminares da globalização e expansão do ambientalismo multissetorial*. Primeira Parte. in URL: <http://www.infolink.com.br/~peco/main.htm>.

\_\_\_\_\_ *Ambientalismo II: aspectos preliminares da globalização e expansão do ambientalismo multissetorial*. Segunda Parte. in URL: <http://www.infolink.com.br/~peco/main.htm>.

BURKETT, Warren. (1990) *Jornalismo científico: como escrever sobre ciência, medicina e alta tecnologia para os meios de comunicação*. Tradução: Antônio Transito. Rio de Janeiro: Forense Universitária

CATÁLOGO DA FITOTECA GLOBO (s.d.). Recife, Rede Globo Nordeste. (mimeo).

ECO, Umberto(1984) *Viagem na irrealidade cotidiana*. Tradução: Aurora Forni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

FONTCUBERTA, Mar de.(1993) *La noticia:pistas para percibir el mundo*. Barcelona: Paidós.

GOMES, Isaltina M. (2000) *A divulgação científica em Ciência Hoje: características discursivo-textuais*. Tese de Doutorado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, (mimeo). 284 p.

GOMIS, Llorenç (1994) “Persuadir la gent de que passen coses interessants” in *Periodística* - Revista editada por Societat Catalana de Comunicació/Institut D’Estudis Catalans 7. Barcelona. pp. 59-64.

GOMIS, Llorenç. (1991) *Teoria del periodismo*. Barcelona: Paidós



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

MORAIS, Wilma.(1999). “Divulgação científica: público especializado ou público segmentado?” in *Lumina: Revista da Facom/UFJF*, V. 2, N. 1, JAN/JUN, Juiz de Fora, Editora UFJF. pp. 89-103.

\_\_\_\_\_. (1997) *El periodismo y el arte de contar historias*. Um estudo acerca de la construcción de la noticia científica. Bellaterra, Tese Doutoral, Universidad Autónoma de Barcelona. Espanha, (mimeo), .310 p.

NELSON, Peter. (1994) *Dez dicas práticas para reportagens sobre meio ambiente*. EUA: CFJ.

NOVAES, Adauto (org.). (1991). *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura.

PEREIRA JR., Alfredo Eurico Vizeu.(2000) *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre, EDIPUCRS. (Coleção Comunicação, 2)

PONTUAL, Jorge Faure.(1994) “Reportagem e documentário em ‘Globo Repórter’ ” in KAPLAN, Sheila & RESENDE Sidney(Orgs.)*Jornalismo eletrônico ao vivo*.Petrópolis, Vozes. pp 95-105.

ROCCO, Maria Thereza Fraga.(1991): “ As palavras na TV um exercício autoritário” in NOVAES, Adauto (org.) *Rede imaginária: televisão e democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura. pp. 240-256

RODRIGO ALSINA, Miguel.(1989) *La construcción de la noticia*.Barcelona: Paidós.

WHITE, Robert (1995) *Televisão como mito e ritual*. Comunicação e Educação: revista do curso de Gestão de Processos Comunicacionais. São Paulo: USP/Editora Moderna. JAN/ABR.

WOLF, Mauro.(1987) *Teorias da comunicação*. mass media: contexto e paradigmas, novas tendências, efeitos a longo prazo, o newsmaking. Lisboa: Editorial Presença.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002